

GESTORES DA DESARMONIA (2068)

Roberto Curi Hallal
2012

Imaginemos o uso proposital da desarmonia para fins políticos ou comerciais. A referência aqui feita destaca a desarmonia no sentido oposto ao conceito de cuidados, cuidados gerais, alimentos saudáveis, companhias agradáveis, moradias acolhedoras, valores agregados de meio ambiente, acesso fácil à aquisição de cultura e lazer, sentimentos locais que validem a experiência de viver, um lugar de encanto e atração. Um lugar que não permita comparações, mas a certeza de ser único fundador de novidades e evocador de novos sentidos. A busca de uma síntese feliz que dê fluidez às várias facetas que multipliquem o coletivo de estímulos cotidianos. A certeza da inclusão na vida real tira qualquer dúvida de que possa tratar-se de uma ilusão incluída em espaços efêmeros ou em promessas mal construídas. O cenário real se forma pelo aspecto real construído de dentro para fora de baixo para cima marcando de vitalidade reconhecida cada conquista. Desejamos um conjunto de práticas sociais que contaminem os consolos e se aceitem portadores de esperanças passíveis de construção. E acima de tudo, transparência, singelas honestidades praticadas até as últimas consequências servindo de indicadores para os menos avisados e de reforço para aqueles que as exercem.

É exatamente na contramão destas propostas acima descritas que se instalam as violências de todas as ordens, obedecendo a interesses sociais, econômicos e políticos que se apoiam na desarmonia de muitos para enriquecer a uns poucos que da desarmonia se beneficiam. Transitamos entre muitas polaridades, coincidentes ou não entre si. As propostas de revitalização não poderão estar revestidas do paternalismo messiânico que crê na missão de salvar. A aceitação da imperfeição permitirá tolerar, contabilizar vulnerabilidades, aceitar as ambiguidades e as impotências que limitam todas as sinceridades desejadas, todas as ações adiadas, todas as realidades negadas, todas as ameaças, todos os desequilíbrios.

A descoberta do outro exige como respeito por ele compreender e entender seu patrimônio histórico e cultural sem a tentação de corrigi-lo, pois o que poderia parecer-nos trágico na sua existência são sistemas com precários equilíbrios que se sustentam em uma postura existencial desconhecida por aqueles que não as construíram e mantiveram. As construções intelectuais

provindas do exterior das comunidades tendem a gestar desarmonias, regulamentar com boas intenções a vida alheia, se constituindo na negação do reconhecimento de que ali existe uma cultura. Acaba sendo um desafio conviver com aquilo que nos parece ser um desamparo.

“A vida do Espírito não é a vida que recua horrorizada ante a *morte* e mantém-se pura da *destruição*, mas a que a suporta e se mantém na própria morte. O Espírito só conquista sua verdade encontrando-se por sua vez no dilaceramento absoluto...O Espírito só é este poder quando olha frente a frente o negativo e mora nele. Esta estada é o poder mágico (Zaubergraft) que transforma o nada em ser”. (Hegel- Phénoénologie de l’esprit – 1936 citado por Michel Maffesoli em a Parte do Diabo)

Os sentimentos que vinculam, as ligações que fraternizam, as histórias que tornam comuns os destinos criam ciclos de vida e de morte, são o fundamento que sinaliza o de dentro e o de fora. Estes ambientes, que nos parecem naturais, fora o rechaço estético e o medo por insegurança, quase nada identificam nossa memória com a urbe a qual pertencemos.

“É também este “saber incorporado” que constitui a sociedade. Precisamos portanto, dar nome aos bois: a violência é um elemento essencial da construção simbólica do social: precisamente naquilo em que ela nos liga, ou nos religa, à natureza. É algo que quisemos esquecer, ou que negamos.” (Michel Maffesoli em a Parte do Diabo)

O submundo que espreita a ingenuidade se beneficia do elemento surpresa para manifestar seus truques. A traição chega sem aviso, o imprevisto se apresenta como novidade, tenta encantar ao desavisado, se oferece como oportunidade, seu canto diz o que o outro deseja ouvir, vende a promessa da realização do sonho não realizado. Vivem de trair o compromisso atentando contra a virtude da confiança, plantam a negação da ética com seus disfarces hábeis, elaboram artimanhas, fingem ao mascarar seus ardis que escondem a pior intenção, emprestam-se como âncoras paralisando, dissimuladores se divertem enganando, não fosse a arrogância excessiva jamais os descobririam, abandonando a prudência nunca saciam seus desejos gananciosos, ao abster-se da digna consideração concedem ao desamor um perigoso lugar em suas vidas, naufragam na própria mentira, condenados a conviver com o pior de si a mórbida razão que lhes conduz obriga-os a depender da ambição desmedida que nunca será satisfeita. Conduzidos a procurar apoios secretos para suas maldades premeditadas sempre

encontrarão, alguém como eles, disposto ao uso e ao descarte. Eles sempre procuram seus semelhantes para contar-lhes seus feitos e angariar sua admiração. Gestores de hipocrisia, admitem sentimentos fingidos, somente toleram aqueles que como eles são obrigados a obedecer as regras dúbias e se submeter ao pior dos convívios. Aproveitadores, usam o compromisso ético do outro para roubá-lo, para envolvê-lo, para comprometê-lo.